



Irmão Sol

Boletim Informativo da
Família Franciscana do Brasil



EDIÇÃO ESPECIAL PAPAM FRANCISCUM



ASSISI 4 OTTOBRE 2013



CITTÀ DI
ASSISI

SERAPHICA CIVITAS



Apresentação

De Francisco de Assis a Francisco de Roma!

Desde o dia 13 de março passado, quando o Papa Bergoglio assumiu a Sé de Pedro com o nome de Francisco, a figura de São Francisco de Assis veio a tona como o inspirador do novo Papa.

Desde aquela noite, procuramos ver em Francisco os sinais inspiradores de Francisco de Assis. Sua proximidade com as pessoas, a defesa dos pobres, a ternura com os pequeninos, a proximidade com as mulheres, sua visão de economia a serviço da vida, a necessidade de uma Igreja pobre com os pobres, seu despojamento, a maneira como opta pelas pessoas, os apelos pela conversão das estruturas da Igreja, nos dizem que Bergoglio verdadeiramente é um franciscano. Nele enxergamos as grandes marcas do carisma de Francisco de Assis.

Francisco de Assis abriu as portas para o Francisco de Roma, esta é a impressão que temos, pois, hoje é comum perceber a credibilidade dada ao Papa, porque ele – como dizem as pessoas – é um franciscano...

Sua visita a Assis no dia em que celebramos São Francisco de Assis foi um gesto revelador de suas opções e de sua identificação com o Poverello.

Se nos alegramos pelo Papa que se manifesta franciscano, a nós que professamos a Forma de Vida Franciscana, ficam interpelações cada vez mais fortes. É preciso tomar a sério o Evangelho que assumimos como nossa Forma de Vida. É preciso voltar a Minoridade, menores entre menores. É preciso redescobrir a Fraternidade como um DOM a este mundo ferido e machucado. Enfim, é preciso voltar a Assis, a Francisco e a Clara!

Frei Éderson Queiroz OFMCap

Presidente da Família Franciscana do Brasil – FFB



HOMILIA

Visita Pastoral a Assis

Missa na Praça São Francisco de Assis

Sexta-feira, 4 de outubro de 2013

“Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos” (Mt 11, 25).

Paz e bem a todos! Com esta saudação franciscana agradeço-vos por terem vindo aqui, nesta praça, cheia de história e de fé, para rezarem juntos.

Hoje também eu, como tantos peregrinos, vim aqui para bendizer o Pai por tudo aquilo que quis revelar a cada um destes “pequenos” de que fala o Evangelho: Francisco, filho de um rico comerciante de Assis. O encontro com Jesus o levou a despojar-se de uma vida confortável e despreocupada para casar-se com a “Mãe Pobreza” e viver como verdadeiro filho do Pai que está nos céus. Esta escolha, por parte de São Francisco, representava um modo radical de imitar Cristo, de revestir-se Daquele que, rico que era, fez-se pobre para enriquecer-nos por meio da sua pobreza (cfr Cor 8, 9). Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos unidos de modo indissociável, as duas faces de uma mesma moeda.

O que testemunha São Francisco a nós, hoje? O que nos diz, não com as palavras – isto é fácil – mas com a vida?

1. A primeira coisa que nos diz, a realidade fundamental que nos testemunha é esta: ser cristãos é uma relação vital com a Pessoa de Jesus, é revestir-se Dele, é assimilação a Ele.

De onde parte o caminho de Francisco rumo a Cristo? Parte do olhar de Jesus na cruz. Deixar-se olhar por Ele no momento em que doa a vida por nós e nos atrai para Ele. Francisco fez esta experiência de modo particular na pequena Igreja de São Damião, rezando diante do crucifixo, que também eu pude venerar hoje. Naquele crucifixo, Jesus não aparece morto, mas vivo! O sangue escorre das feridas das mãos, dos pés e dos lados, mas aquele sangue exprime vida. Jesus não tem os olhos fechados, mas abertos, grandes: um olhar que fala ao coração. E o crucifixo não nos fala de derrota, de fracasso; paradoxalmente nos fala de uma morte que é vida, que gera vida, porque fala de amor, porque é Amor de Deus encarnado, e o Amor não morre, antes, vence o mal e a morte. Quem se deixa olhar por Jesus crucificado é re-criado, transforma-se uma “nova criatura”. Daqui parte tudo: é a experiência da Graça que transforma, o ser amado sem mérito, mesmo sendo pecadores. Por isto Francisco pode dizer, como São Paulo: “Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gal 6,14).

Nós nos dirigimos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a permanecer diante do Crucifixo, a deixar-nos guiar por Ele, a deixar-nos perdoar, recriar pelo seu amor.

2. No Evangelho, escutamos estas palavras: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 28-29).

Esta é a segunda coisa que Francisco nos testemunha: quem segue Jesus, recebe a verdadeira paz, aquela que só Ele, e não o mundo, pode nos dar. São Francisco é associado por muitos à paz, e é justo, mas poucos seguem em profundidade. Qual é a paz que Francisco acolheu e viveu e nos transmite? Aquela de Cristo, passada através do amor maior, aquela da Cruz. É a paz que Jesus Ressuscitado deu aos discípulos quando apareceu em meio a eles (cfr Jo 20, 19.20).

A paz franciscana não é um sentimento “piegas”. Por favor: este São Francisco não existe! E nem é uma espécie de harmonia panteísta com as energias do cosmo... Também isto não é franciscano! Também isto não é franciscano, mas é uma ideia que alguns construíram! A paz de São Francisco é aquela de Cristo, e a encontra quem “toma sobre si o seu jugo”, isso é, o seu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (cfr Gv 13,34; 15,12). E este jugo não se pode levar com arrogância, com presunção, com soberba, mas somente se pode levar com mansidão e humildade de coração.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a sermos “instrumentos da paz”, da paz que tem a sua origem em Deus, a paz que nos trouxe o Senhor Jesus.

3. Francisco inicia o Cântico assim: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor... Louvado sejas, com todas as criaturas” (FF, 1820). O amor por toda a criação, pela sua harmonia! O Santo de Assis testemunha o respeito por tudo aquilo que Deus criou e como Ele o criou, sem experimentar sobre a criação para destruí-la; ajudá-la a crescer, a ser mais bela e mais similar àquilo que Deus criou. E, sobretudo, São Francisco testemunha o respeito por tudo, testemunha que o homem é chamado a proteger o homem, que o homem esteja no centro da criação, no lugar onde Deus – o Criador – o quis. Não

instrumento dos ídolos que nós criamos! A harmonia e a paz! Francisco foi homem de harmonia, homem de paz. Desta Cidade da Paz, repito com a força e a mansidão do amor: respeitemos a criação, não sejamos instrumentos de destruição! Respeitemos cada ser humano: cessem os conflitos armados que ensanguentam a terra, silenciem-se as armas e então o ódio dê lugar ao amor, a ofensa ao perdão e a discórdia à união. Ouçamos o grito daqueles que choram, sofrem e morrem por causa da violência, do terrorismo ou da guerra, na Terra Santa, tão amada por São Francisco, na Síria, no Oriente Médio, em todo o mundo.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: alcançai-nos de Deus o dom que neste nosso mundo nos seja harmonia, paz e respeito pela Criação!

Não posso esquecer, enfim, que hoje a Itália celebra São Francisco como seu Patrono. Eu dou as felicitações a todos os italianos, na pessoa do Chefe do governo, aqui presente. Exprime-o também o tradicional gesto da oferta do óleo para a lâmpada votiva, que este ano é da Região da Umbria. Rezemos pela nação italiana, para que cada um trabalhe sempre pelo bem comum, olhando para aquilo que une mais do que para aquilo que divide.

Faço minha a oração de São Francisco por Assis, pela Itália, pelo mundo: “Peço-te então, ó Senhor Jesus Cristo, pai das misericórdias, de não querer olhar à nossa ingratidão, mas de recordar-te sempre da superabundante piedade que [nesta cidade] mostraste, a fim de que seja sempre o lugar e a casa daqueles que verdadeiramente te conhecem e glorificam o teu nome bendito e gloriosíssimo nos séculos dos séculos. Amém” (Espelho de perfeição, 124: FF, 1824).



DISCURSO

Visita Pastoral a Assis

Encontro com pobres assistidos pela Cáritas

Sexta-feira, 4 de outubro de 2013

Disse-me meu irmão bispo que é a primeira vez em 800 anos que um Papa entra aqui. Nestes dias, nos jornais, na mídia, se fazia muita fantasia. “O Papa vai despojar a Igreja, lá”. “De que despojará

a Igreja?”. “Se despojará das vestes dos bispos, cardeais, se despojará de si mesmo.” Esta é uma boa oportunidade para fazer um convite à Igreja a se despojar. Mas a Igreja somos todos nós! Todos! Desde o primeiro batizado, todos nós somos Igreja e todos nós temos que andar pela estrada de Jesus, que percorreu um caminho de despojamento, Ele mesmo. E se tornou servo, servidor, quis ser humilhado até a cruz . E se queremos ser cristãos , não há um outro caminho. Mas será que não podemos fazer um cristianismo um pouco mais humano – dizem – sem a cruz, sem Jesus, sem despojamento? Desta forma, nos tornamos cristãos de pastelaria, como as belas tortas , como os belos doces! Belíssimo, mas não realmente cristãos! Alguém vai dizer : “Mas de que deve se despojar a Igreja?”. Deve se despojar hoje de um perigo gravíssimo que ameaça a todos na Igreja, todos: o perigo do mundanismo. O cristão não pode conviver com o espírito do mundo. O mundanismo que leva à vaidade, arrogância, ao orgulho. E este é um ídolo, não é Deus, é um ídolo! E a idolatria é o pecado mais forte!

Quando nos meios de comunicação se fala da Igreja, acredita-se que a Igreja seja os padres, freiras, bispos, cardeais e o Papa, mas a Igreja somos todos nós, como eu disse. E todos nós devemos nos despojar deste mundanismo: o espírito contrário ao espírito das Bem-aventuranças, o espírito contrário ao Espírito de Jesus. O mundanismo nos faz mal. É tão triste ver um cristão mundano, seguro – segundo ele – da segurança que dá a fé e da segurança que dá o mundo. Não se pode trabalhar nas duas partes. A Igreja – todos nós – deve se despojar do mundanismo que leva à vaidade, ao orgulho, que é idolatria.

O próprio Jesus nos dizia: “Não se pode servir a dois senhores, ou se serve a Deus ou ao dinheiro” (cf. Mt 6:24) . No dinheiro estava todo este espírito mundano, vaidade, orgulho, este caminho... não podemos... é triste apagar com uma mão aquilo que

escrevemos com a outra. O Evangelho é o Evangelho! Deus é um só! E Jesus se tornou um servo para nós e o espírito do mundo não cabe aqui. Hoje eu estou aqui com você. Quantos de vocês foram retirados deste mundo selvagem, que não oferece trabalho, que não ajuda, que não se importa se há crianças morrendo de fome no mundo, se muitas famílias não têm o que comer, não tem a dignidade de trazer o pão para casa, não se importa se tantas pessoas hoje precisam fugir da escravidão, da fome e fugir para buscar a liberdade. Com muita dor, tantas vezes, vemos que elas encontram a morte, como aconteceu ontem em Lampedusa: hoje é um dia de lágrimas! Quantas coisas hoje são provocadas por esse espírito do mundo. É ridículo que um cristão – um verdadeiro cristão – um padre, uma freira, um bispo, um cardeal, um papa, queira ir pela via deste mundanismo, que é uma atitude assassina. Mundanismo espiritual mata! Ele mata a alma! Mata a pessoa! Mata a Igreja !

Quando Francisco, aqui, fez aquele gesto de se despir, era um jovem menino, não tinha forças para isso. Foi o poder de Deus que o levou a fazer isso, o poder de Deus que quis nos lembrar do que Jesus disse sobre o espírito do mundo, aquilo que Jesus orou ao Pai, para que o Pai nos salvasse do espírito do mundo.

Hoje, aqui, peçamos essa graça a todos os cristãos. Que o Senhor conceda a nós a coragem de se despojar, mas não de 20 liras, mas do espírito do mundo, que é a lepra, o câncer da sociedade! É o câncer da revelação de Deus! O espírito do mundo é o inimigo de Jesus! Peço ao Senhor que a todos nós, nos dê a graça do despojamento. Obrigado !

Após a reunião, o Papa pronunciou as seguintes palavras :

Muito obrigado pelo acolhimento. Orem por mim, que eu preciso! Todos! Obrigado !

O discurso foi feito espontaneamente pelo Papa Francisco. Abaixo, segue o discurso que estava previamente preparado:

Queridos irmãos e irmãs,

Obrigado pela acolhida! Este lugar é um lugar especial e por isso eu quis fazer uma parada aqui, ainda que o dia fosse muito cheio. Aqui Francisco se despojou de tudo na frente de seu pai, o bispo, e o povo de Assis. Foi um gesto profético e também um ato de oração, um ato de amor e confiança no Pai, que está nos céus.

Com esse gesto Francisco fez sua escolha: a escolha de ser pobre. Não é uma escolha sociológica, ideológica, é a escolha de ser como Jesus, imitá-lo, segui-lo até o fim. Jesus é Deus, que se despoja de sua glória. Lemos em São Paulo: Cristo Jesus, que era Deus, despojou-se de si mesmo, esvaziou-se e se tornou como nós e esse “rebaixar” chegou até a morte de cruz (cf. Fl 2,6-8). Jesus é Deus, mas Ele nasceu nu, foi colocado em uma manjedoura e morreu nu e crucificado.

Francisco se despojou de tudo em sua vida mundana, de si mesmo, para seguir o seu Senhor, Jesus, para ser como Ele. O Bispo Guido, vendo seu gesto, imediatamente se levantou, abraçou Francisco e o cobriu com seu manto, e foi sua ajuda e auxílio (cf. Vita prima, FF, 344).

O despojamento de São Francisco nos diz exatamente o que o Evangelho nos ensina: seguir Jesus significa colocá-lo em primeiro lugar, se despojar das muitas coisas que temos e que sufocam o nosso coração, renunciar a nós mesmos, tomar a cruz e carregá-la com Jesus. Despir do nosso orgulho e refutar o desejo de ter, do dinheiro, que é um ídolo que aprisiona.

Todos nós somos chamados a ser pobres, despojarmos de nós mesmos, e para isso devemos aprender a estar com os pobres, compartilhar com aqueles que não tem o necessário, tocar a carne de Cristo! O cristão não é aquele que enche a boca com os pobres, não! É aquele que o encontra, que o olha nos olhos, que o toca. Estou aqui não para “fazer notícia”, mas para indicar que este é o caminho cristão, o caminho que percorreu São Francisco. São Boaventura , falando do despojamento de São Francisco, escreve: “Assim, pois, o servo do sumo Rei ficou nu, para que seguisse o Senhor nu e crucificado, objeto do seu amor.” E acrescenta que, assim, Francisco se salvou do “naufrágio do mundo” (FF 1043).

Mas gostaria, como pastor, de me perguntar: de que deve despir-se a Igreja ?

Despir-se de todo mundanismo espiritual, que é uma tentação para todos; livrar-se de toda ação que não seja para Deus, de Deus, o medo de abrir a porta e ir ao encontro de todos, especialmente dos mais pobres, dos necessitados, distantes, sem esperar, certamente, se perderem no naufrágio do mundo, mas levar com coragem a luz de Cristo, a luz do Evangelho, mesmo no escuro, onde não se vê e isso pode levar ao tropeço, despojar da aparente tranquilidade que dão as estruturas, certamente necessárias e importantes, mas que não devem nunca ofuscar a única força real que carrega em si: a de Deus, Ele é a nossa força! Despir-se daquilo que não é essencial, porque a referência é Cristo, a Igreja é de Cristo! Muitos passos, especialmente nessa década, têm sido dados. Continuamos nesta estrada que é a de Cristo, a dos Santos.

Para todos, mesmo para a nossa sociedade que dá sinais de cansaço, se queremos nos salvar do naufrágio, é necessário seguir o caminho da pobreza, que não é a miséria – esta deve-se combater – mas é saber partilhar, ser mais solidário com os necessitados, confiar

mais em Deus e menos na nossa força humana. Monsenhor Sorrentino lembrou o trabalho de solidariedade do Bispo Nicolini, que ajudou centenas de judeus, escondendo-os em conventos, e o centro de seleção secreta era aqui, no bispado. Também isso é se despojar, algo que começa sempre do amor, da misericórdia de Deus!

Neste lugar que nos questiona, quero rezar para que todos os cristãos, a Igreja, cada homem e mulher de boa vontade, saibam se despojar do que não é essencial para ir ao encontro daquele que é pobre e pede para ser amado. Obrigado a todos!





DISCURSO

Visita Pastoral a Assis

**Encontro com o clero, pessoas de vida consagrada e membros dos
conselhos pastorais da diocese**

Catedral de São Rufino

Sexta-feira, 4 de outubro de 2013

Queridos irmãos e irmãs da Comunidade Diocesana, boa tarde!

Agradeço-vos pelo acolhimento, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos empenhados nos conselhos pastorais! Quão necessários são os conselhos pastorais, um bispo não pode guiar a igreja sem o conselho pastoral, um padre não pode... isso é fundamental. Estamos na Catedral! Aqui se conserva a fonte batismal onde São Francisco e Santa Clara foram batizados, que naquele tempo se encontrava na Igreja de Santa Maria. A memória do Batismo é importante! O Batismo é o nosso nascimento como filhos da Mãe Igreja. Eu gostaria de fazer uma pergunta: quem de vocês sabe o dia de seu Batismo? Poucos hein! Agora o dever de casa: mamãe e pai, quando fui batizado? Um só Espírito, um só Batismo, na variedade dos carismas e dos ministérios. Que grande dom ser Igreja, fazer parte do Povo de Deus! Na harmonia, na comunhão das diversidades, que é obra do Espírito Santo, porque o Espírito Santo “ipse harmonia est”!

O Bispo é protetor desta harmonia. O Bispo é protetor desta harmonia. Por isto o Papa Bento quis que a atividade pastoral nas Basílicas papais franciscanas fosse integrada naquela diocesana. Porque ele deve fazer a harmonia, é seu dever e vocação e ele tem um dom especial para fazê-lo. Estou contente que estejam caminhando bem neste caminho, em benefício de todos, colaborando juntos com serenidade e vos encorajo a continuar. A visita pastoral que se concluiu daqui a pouco e o Sínodo diocesano que vocês estão para celebrar são momentos fortes de crescimento para esta Igreja, que Deus abençoou de modo particular. A igreja cresce não para fazer proselitismo. A igreja cresce por atração. A atração que cada um de nós dá ao povo de Deus.

Agora, brevemente, gostaria de destacar alguns aspectos da vossa vida de comunidade. Não quero dizer coisas novas para vocês, mas confirmar vocês naquelas mais importantes, que caracterizam o vosso caminho diocesano.

1. A primeira coisa é escutar a Palavra de Deus. A Igreja é isto: a comunidade, disse o bispo, que escuta com fé e com amor o Senhor que fala. O plano pastoral que vocês estão vivendo insiste propriamente nesta dimensão fundamental. É a Palavra de Deus que suscita a fé, que a alimenta, que a regenera. É a Palavra que toca os corações, que os converte a Deus e à sua lógica que é assim diferente da nossa; é a Palavra que renova continuamente as nossas comunidades...

Penso que todos podemos melhorar um pouco neste aspecto: transformar todos mais ouvintes da Palavra de Deus, para ser menos ricos de nossas palavras e mais ricos das suas Palavras. Penso no sacerdote, que tem a tarefa de pregar. Como pode pregar se primeiro não abriu o seu coração, se não escutou, no silêncio, com o coração? Fará uma homilia longa, a qual não se entende nada! Isso é pra vocês,

hein! Penso nos pais e mães, que são os primeiros educadores: como podem educar se a sua consciência não estiver iluminada pela Palavra de Deus, se o seu modo de pensar e de agir não for guiado pela palavra, um exemplo a dar para os filhos? Isso é importante, porque papai e mamãe lamentam, mas se não fizeram o seu dever... E penso nos catequistas, em todos os educadores: se o seu coração não estiver aquecido pela Palavra, como podem aquecer os corações dos outros, das crianças, dos jovens, dos adultos? Não basta ler as Sagradas Escrituras, é necessário escutar Jesus que fala nelas, é Jesus que fala na Escritura, é necessário ser antenas que recebem, sintonizadas na Palavra de Deus, para ser antenas que transmitem! Recebe-se e se transmite. É o Espírito de Deus que torna vivas as Sagradas Escrituras, que as faz compreender em profundidade, em seu sentido verdadeiro e pleno! Perguntemo-nos, uma pergunta para o Sínodo: que lugar tem a Palavra de Deus na minha vida, na vida de cada dia? Estou sintonizado com Deus ou com tantas palavras da moda ou comigo mesmo? Uma pergunta para cada um fazer.

2. O segundo aspecto é aquele do caminhar. É uma das palavras que prefiro quando penso no cristão e na Igreja. Mas para vocês há um sentido particular: vocês estão entrando no Sínodo diocesano, e fazer “sínodo” quer dizer caminhar junto. Penso que esta seja verdadeiramente a experiência mais bela que vivemos: fazer parte de um povo em caminho na história, junto com o seu Senhor, que caminha em meio a nós! Não somos isolados, não caminhamos sozinhos, mas somos parte do único rebanho de Cristo, que caminha junto.

Aqui penso ainda em vocês padres, e deixem-me que eu me coloque também junto com vocês. O que há de mais belo, para nós, se não caminhar com o nosso povo? É belo. Eu penso nestes padres que conhecem o nome das pessoas de sua paróquia, que vão encontrá-las. Como um que me dizia “eu conheço o cão de cada

família”, que bonito, hein! Eu o repito: caminhar com o nosso povo, às vezes adiante, às vezes em meio e às vezes atrás: adiante, para guiar a comunidade; em meio, para encorajá-la e apoiá-la; atrás, para tê-la unida para que ninguém fique atrás e também para que o povo tenha sucesso em encontrar novas vias pelo caminho, tenha o “sensus fidei”. O que há de mais belo? No Sínodo devemos saber também o que o Espírito diz aos leigos, ao povo, a todos.

Mas a coisa mais importante é caminhar junto, colaborando, ajudando-se; pedir desculpas, reconhecer os próprios erros e pedir perdão, mas também aceitar as desculpas dos outros, perdando-os – quão importante é isto! Às vezes penso nos matrimônios, que depois de tantos anos terminam. A gente não se entende, nos distanciamos, talvez não souberam pedir desculpas a tempo, não souberam perdoar a tempo. Eu sempre, aos recém-casados, dou esse conselho: briguem quanto quiserem, se for necessário joguem os pratos, mas nunca terminem o dia sem fazer as pazes. Nunca! Se no matrimônio se aprende a dizer “desculpe, eu estava cansado”... e retomar a vida no outro dia, esse é o segredo...Caminhar unidos, sem saltar para a frente, sem nostalgia do passado. E enquanto se caminha, se fala, nós nos conhecemos, contamos uns com os outros, se cresce no ser família. Aqui perguntamo-nos: como caminhamos? Como caminha a nossa realidade diocesana? Caminha junto? E o que faço eu para que essa caminhe verdadeiramente junto? Eu não gostaria de entrar aqui sobre as fofocas, mas vocês sabem que elas sempre dividem.

3. Então, escutar, caminhar e o terceiro aspecto é aquele missionário: anunciar até as periferias. Também isto tomei de vocês, dos vossos projetos pastorais. O bispo falou recentemente. Mas quero destacá-lo, também porque é um elemento que vivi muito tempo quando estava em Buenos Aires: a importância de sair para ir ao encontro do outro, nas periferias, que são lugares, mas, sobretudo, pessoas, situações de vida. Especialmente no caso da diocese que eu

tinha antes de Buenos Aires, uma periferia que me fazia mal era encontrar em famílias de classe média crianças que não sabiam fazer sinal da cruz! Pergunto se nessa diocese tem alguma criança...essas são verdadeiras periferias, onde Deus não está.

Quais são as vossas periferias? Procuremos pensar. Perguntemo-nos quais são as periferias desta Diocese. Certamente, em um primeiro sentido, são as zonas da Diocese que são suscetíveis de estar no limite, fora dos feixes de luz dos holofotes. Mas são também pessoas, realidades humanas de fato marginalizadas, desprezadas. São pessoas que talvez se encontram fisicamente próximas ao “centro”, mas espiritualmente estão distantes.

Não tenham medo de sair e ir ao encontro destas pessoas, destas situações. Não se deixem bloquear pelos preconceitos, hábitos, rigidez mental ou pastoral, do famoso “se faz sempre assim!”. Mas se pode ir às periferias somente se se leva a Palavra de Deus no coração e se caminha com a Igreja, como São Francisco. Caso contrário, levamos a nós mesmos, e não a Palavra de Deus e isto não é bom, não serve para ninguém! Não somos nós que salvamos o mundo: é o Senhor que o salva!

Então, queridos amigos, eu não dei a vocês receitas novas. Não o fiz e não acreditem em quem diz que eu o fiz. Não existem. Mas encontrei no caminho da vossa Igreja aspectos belos e importantes que vão fazê-los crescer e quero confirmar vocês nestes. Escutar a Palavra, caminhar junto em fraternidade, anunciar o Evangelho nas periferias! O Senhor vos abençoe, Nossa Senhora vos proteja e São Francisco vos ajude todos a viver a alegria de ser discípulos do Senhor!



Encontro com os jovens encerra visita do Papa a Assis



Assis (Itália) – No encontro que encerrou a visita do Papa Francisco a Assis, o Pontífice respondeu a quatro perguntas. A primeira foi sobre o matrimônio. Outra pergunta dos jovens dizia respeito à chamada ao celibato e à virgindade pelo Reino dos Céus. As outras duas questões diziam respeito: uma ao empenho social, neste tempo de crise que ameaça a esperança; e a outra sobre a evangelização – levar o anúncio de Cristo aos outros. Conforme informações da Rádio Vaticana. Publicamos, a seguir, as respostas do Papa às perguntas dos jovens.

Queridos jovens da Úmbria,

Boa tarde!

Obrigado por terem vindo, obrigado por esta festa! E obrigado pelas perguntas, muito importantes.

Fico contente que a primeira pergunta tenha sido de um casal jovem. Um belo testemunho! Dois jovens que escolheram, decidiram, com alegria e coragem formar uma família. Sim, porque é verdade mesmo, é preciso coragem para formar uma família!

Sim, é preciso ter coragem, é preciso ter coragem para formar uma família!

E a pergunta de vocês, jovens casados, se une à pergunta sobre a vocação. O que é o matrimônio? É uma verdadeira e própria vocação, como o são o sacerdócio e a vida religiosa. Dois cristãos que se casam reconheceram na própria história de amor o chamado do Senhor, a vocação a formar a partir dos dois, homem e mulher, uma só carne, uma só vida. E o Sacramento do matrimônio envolve este amor com a graça de Deus, o enraíza no próprio Deus. Com este dom, com a certeza deste chamado, é possível partir seguros, não se tem medo de nada, pode se enfrentar tudo, juntos!

Pensem em nossos pais, nossos avós ou bisavós: se casaram em condições muito mais pobres do que as nossas, alguns em tempo de guerra, ou de pós-guerra; alguns são emigrados, como os meus pais. Onde encontravam a força? A encontravam na certeza de que o Senhor estava com eles, que a família é abençoada por Deus com o Sacramento do matrimônio, e que abençoada é a missão de colocar no mundo os filhos e educá-los. Com estas certezas superaram também as provações mais duras. Eram certezas simples, mas verdadeiras, formavam colunas que sustentavam o amor deles.

Não foi fácil a vida deles. Eles tinham problemas, tantos problemas, mas estas certezas simples os ajudavam a seguir adiante.

E conseguiram formar uma bela família, a dar vida, conseguiram criar os filhos.

Queridos amigos, é preciso esta base moral e espiritual para construir bem, de maneira sólida! Hoje, esta base não é mais garantida pelas famílias e pela tradição social. Ao contrário, a sociedade em que vocês nasceram privilegia os direitos individuais mais do que a família, estes direitos individuais, as relações que duram para que não surjam dificuldades, e por isso às vezes fala de relações do casal, da família e do matrimônio de modo superficial e equívoco. Bastaria olhar certos programas televisivos!

E podemos ver estes valores... Quantas vezes os párocos – eu também ouvi isso algumas vezes-, quando chega um casal que quer se casar e diz “nos amamos muito mas ficaremos juntos até que o amor acabe”. Isso é egoísmo. Quando não sinto, corto o matrimônio, e esqueço daquilo que é uma só carne, que não pode separar-se, é arriscado casar-se. O egoísmo nos ameaça. Dentro de nós temos a possibilidade de uma dupla personalidade: uma que diz o outro e outra que diz eu, meu, comigo... é egoísmo sempre, que não sabe se abrir aos outros.

A outra dificuldade é esta cultura do provisório, de não buscar nada que seja definitivo, mas o provisório, o amor enquanto dura.

Uma vez eu ouvi um seminarista muito bom que dizia: “quero ser padre por dez anos, depois vejamos”. Essa é a cultura do provisório. Mas Jesus não nos salvou de maneira provisória, nos salvou definitivamente.

Mas, o Espírito Santo suscita sempre respostas novas às novas exigências! E assim, se multiplicaram na Igreja os caminhos para os noivos, os cursos de preparação para o Matrimônio, os grupos de jovens casais nas paróquias, os movimentos familiares... São uma

riqueza imensa! São pontos de referência para todos: jovens em busca, casais em crise, pais em dificuldade com os filhos e vice-versa. Mas nos ajudam todos. E há ainda as diferentes formas de acolhimento como: adoção temporária, adoção, abrigos para menores de vários tipos... A fantasia [me permita a palavra] do Espírito Santo é infinita, mas é também muito concreta! Então, gostaria de dizer para vocês não terem medo de dar passos definitivos. Não tenham medo.

Quantas vezes ouço mães que me dizem “tenho um filho de 30 anos anos que não se decide, não se casa. Ele namora, mas não casa”. Então eu digo, “senhora, não passe mais as camisas dele”. Não tenham medo de dar passos definitivos como o é o matrimônio: aprofundem o amor de vocês, respeitando o tempo e as expressões de cada um, rezem, se preparem bem, mas tenham também confiança de que o Senhor não deixa vocês sozinhos! Façam com que Ele entre na casa de vocês como alguém da família, Ele sempre sustentará vocês.

A família é a vocação que Deus escreveu na natureza do homem e da mulher, mas há uma outra vocação complementar ao matrimônio: o chamado ao celibato e à virgindade pelo Reino dos céus. É a vocação que o próprio Jesus viveu. Como reconhecê-la? Como segui-la? É a terceira pergunta que vocês me fizeram.

Alguns de vocês pode perguntar: “como esse bispo é bom, acabaram de perguntar e já tem as respostas escritas”. É que eu já respondi uns dias atrás...

E respondo para vocês com dois elementos essenciais: rezar e caminhar na Igreja. Estas duas coisas devem seguir juntas, são interligadas. Na origem de cada vocação à vida consagrada existe sempre uma experiência forte de Deus, uma experiência que não se esquece, que se recorda por toda a vida! Foi o que aconteceu com Francisco. E isso nós não podemos calcular ou programar. Deus nos

surpreende sempre! É Deus que chama; porém é importante ter uma relação cotidiana com Ele, escutá-Lo em silêncio diante do Tabernáculo e no íntimo de nós mesmos, falar com Ele, aproximar-se dos Sacramentos. Ter esta relação familiar com o Senhor é como ter aberta a janela da nossa vida para que Ele nos faça ouvir sua voz, o que Ele quer de nós. Seria belo ouvir vocês, ouvir os padres aqui presentes, as freiras... Seria bellissimo, porque cada história é única, mas todas partem de um encontro que ilumina no profundo, que toca o coração e envolve toda a pessoa: afeto, intelecto, sentidos, tudo.

A relação com Deus não diz respeito somente a uma parte de nós mesmos, diz respeito a tudo. É um amor tão grande, tão belo, tão verdadeiro, que merece tudo e merece toda a nossa confiança. E uma coisa gostaria de dizer com força, especialmente hoje: a virgindade pelo Reino de Deus não é um “não”, é um “sim”! Certo, comporta a renúncia a um elo conjugal e uma própria família, mas na base está o “sim”, como resposta ao “sim” total de Cristo para conosco, e este “sim” os torna fecundos.

Mas, aqui em Assis não há necessidade de palavras! Aqui tem Francisco, tem Clara, eles falam! O carisma deles continua a falar a tantos jovens no mundo inteiro: rapazes e moças que deixam tudo para seguir Jesus no caminho do Evangelho.

E isso, Evangelho. Gostaria de tomar a palavra “Evangelho” para responder outras duas perguntas que vocês me fizeram, a segunda e a quarta. Uma diz respeito ao compromisso social, neste período de crise que ameaça a esperança; e a outra diz respeito à evangelização, o levar o anúncio de Jesus aos outros. Vocês me perguntaram: o que podemos fazer? Qual pode ser nossa contribuição?

Aqui em Assis, aqui perto da Porciúncula, parece que podemos ouvir a voz de São Francisco que nos repete: “Evangelho,

Evangelho!”. O diz também a mim, melhor, primeiro a mim: Papa Francisco, seja servidor do Evangelho!

Se eu não consigo ser um servidor do Evangelho, a minha vida não vale nada. Mas, o Evangelho, queridos amigos, não diz respeito somente à religião, diz respeito ao homem, todo o homem, e diz respeito ao mundo, à sociedade, à civilização humana. O Evangelho é a mensagem de salvação de Deus pela humanidade. Mas quando dizemos “mensagem de esperança”, não é um modo de dizer, não são simples palavras ou palavras vazias como existem tantas hoje! A humanidade precisa ser salva verdadeiramente! O vemos todos os dias quando folheamos o jornal, o ouvimos nas notícias na televisão; mas o vemos também ao nosso redor, nas pessoas, nas situações...; nós o vemos em nós mesmos! Cada um de nós precisa da salvação! Sozinhos não conseguimos. Salvação do que? Do mal. O mal opera, faz seu trabalho. Mas o mal não é invencível e o cristão não se rende diante do mal. E vocês jovens, querem se render ao mal, às injustiças, às dificuldades?

Querem ou não?

O nosso segredo é que Deus é maior que o mal: E isso é verdade: Deus é maior que o mal. Deus é amor infinito, misericórdia sem limites, e este Amor venceu o amor pela raiz na morte e a ressurreição de Cristo. Este é o Evangelho, a Boa Notícia: o amor de Deus venceu! Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados e ressuscitou. Com Ele nós podemos lutar contra o mal e vencê-lo todos os dias. Cremos nisto ou não? SIM!

Mas este sim deve ser levado na vida. Se eu creio que Jesus venceu o mal e me salva, devo seguir o caminho de Jesus durante toda a vida.

Então, o Evangelho, esta mensagem de salvação, tem duas destinações que estão ligadas: a primeira, suscitar a fé, e esta é a evangelização; a segunda, transformar o mundo de acordo com o desígnio de Deus, e esta é a animação cristã da sociedade. Mas não são duas coisas separadas, são uma única missão: levar o Evangelho com o testemunho da nossa vida transforma o mundo! Este é o caminho! Levar o Evangelho com o testemunho da nossa vida.

Olhemos para Francisco: ele fez todas estas duas coisas, com a força do único Evangelho. Francisco fez crescer a fé, renovou a Igreja; e ao mesmo tempo renovou a sociedade, a tornou mais fraterna, mas sempre com o Evangelho.

Sabem o que uma vez Francisco disse aos seus irmãos. Preguem sempre o Evangelho e se for necessário, também com palavras. Mas, como é possível pregar o Evangelho sem palavras: sim com o testemunho, primeiro o testemunho.

Jovens da Úmbria: façam assim vocês também! Hoje, em nome de são Francisco, digo para vocês: ouro e prata não tenho para lhes dar, mas algo muito mais precioso, o Evangelho de Jesus. Vão com coragem! Com o Evangelho no coração e nas mãos, sejam testemunhas da fé com a vida de vocês.

Levem Cristo à casa de vocês. Acolham e testemunhem nos pobres. Jovens deem à Úmbria uma mensagem de paz e esperança. Vocês podem fazer isso.

Boletim da Santa Sé / Tradução: Rodrigo Santos



OPINIÕES:

A paz de São Francisco não é um sentimento brega, mas a de Jesus”, afirma o Papa

Bergoglio não se deixa levar pelos sentimentalismos da fé, razão pela qual seu grito de paz ressoa como uma forte advertência: é preciso mudar de vida. “Nunca mais a guerra; que neste nosso mundo haja harmonia”. O **Pontífice** citou o **Cântico de São Francisco** e disse com severidade: “O homem é chamado a proteger tudo o que **Deus** criou”. Por isso, é necessário “respeitar cada ser humano”, para que “cessem os conflitos armados que ensanguentam nossa terra, que calem as armas e que em todas as partes o ódio dê lugar ao amor, a ofensa ao perdão e discórdia à união”.

A reportagem é de **Giacomo Galeazzi**, publicada no sítio **Vatican Insider**, 04-10-2013. A tradução é do **Cepat**.



A paz autêntica é a que responsabiliza cada um e muda profundamente o coração do homem. Basta, pois, com um “irenismo” ideológico que flameja, mas que não se cristaliza verdadeiramente nas consciências. **Bergoglio** prega uma verdadeira conversão para pacificar o mundo, não uma paz “de fachada”, cheia de retórica, exterior. O **Papa** exortou a todos os homens de boa vontade a “escutar o grito dos que choram, sofrem e morrem por causa da violência, do terrorismo ou da guerra na **Terra**

Santa, tão amada por **São Francisco**, na Síria, em todo o Oriente Médio, no mundo”. A **Igreja de Bergoglio**, como a de **São Francisco**, quer se despojar de uma “vida agitada” para contrair núpcias com a pobreza e para “imitar a **Cristo** de maneira radical”.

Uma homilia que define ainda mais o programa do Pontificado, uma missa que é símbolo do magistério dos últimos. Em toda a vida do **Pobrezinho de Assis**, destacou o **Pontífice**, “o amor pelos pobres e a imitação de **Cristo** pobre são dois elementos unidos de maneira indissolúvel, duas caras da mesma moeda”.

Diante da **Basílica** que representa o centro mundial do franciscanismo, o **Pontífice** celebrou ao ar livre, apesar do clima. O vale de Assis estava cheio de pessoas e peregrinos; nunca se havia visto algo assim. “Ser cristãos é uma relação vital com a pessoa de **Jesus**, é se revestir Dele, é assimilação de **Jesus** – destacou **Bergoglio**. O caminho de **Francisco** para **Cristo** parte da visão de **Jesus** na Cruz. Deixar-se guiar por **Cristo** no momento em que doa sua vida por nós e nos atrai para si. Na **Igrejinha de São Damião**, o Crucifixo não tem os olhos fechados, mas bem abertos: uma visão que fala ao coração. É a experiência da graça que transforma, o ser amados sem méritos, mesmo sendo pecadores”.

O **Pontífice** invocou ao **Pobrezinho de Assis**: “Ensina-nos a permanecer diante do crucifixo, a deixar-nos ver por Ele, a deixar-nos perdoar, buscar por seu amor”. De fato, “quem segue a **Cristo** recebe a verdadeira paz, essa que somente **Cristo** e não o mundo pode nos dar”.

“A paz franciscana não é um sentimento brega – advertiu **Bergoglio**. Por favor, este **São Francisco** não existe! E tampouco é uma espécie de harmonia panteísta com as energias do cosmos. Isto também não é franciscano, mas é uma ideia que alguns construíram. A paz de **São Francisco** é a de **Cristo** e a encontra quem carrega o

seu jugo, ou seja, seu mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado! Este jugo não pode ser levado com arrogância, presunção, soberba, mas apenas com a mansidão e a humildade do coração”. O **Papa** recordou o Patrono da Itália e ofereceu o óleo para a lâmpada votiva: “Rezemos pela nação italiana, para que cada um trabalhe sempre pelo bem comum, enxergando mais o que une do que divide”, segundo o ensino conciliar do neo-santo **João XXIII**. A homilia concluiu com a oração franciscana: “**Pai** de misericórdia, não olhe para nossa ingratidão, mas lembre-se sempre da abundante piedade que tem mostrado”.



"A verdadeira renúncia do papa é ao poder. Como queria São Francisco". - Entrevista com Chiara Frugoni

Chiara Frugoni colocou no centro da sua própria atividade científica de historiadora medievalista o estudo das figuras de **São Francisco** e de **Santa Clara**. A visita do papa a Assis confirma a recuperação e a centralidade da mensagem franciscana, indicando o novo curso da Igreja.

A reportagem é de **Gabriele Santoro**, publicada no jornal **Il Messaggero**, 05-10-2013. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

Eis a entrevista.

Professora Frugoni, como é possível aproximar a figura de São Francisco à do novo pontífice?

No século XIII, **São Francisco** viveu em uma sociedade que tinha problemas muito semelhantes e outros diferentes dos nossos. Não se pode pensar que São Francisco voltou, mas o papa se move nesse rastro. Por exemplo, no discurso dessa sexta-feira em Assis, eu retracei muitas analogias na referência ao encontro e na acolhida dos migrantes.

A senhora acredita que seja possível hoje o sonho de São Francisco de uma Igreja dos pobres para os pobres?

O conceito de pobreza deve ser entendido de uma forma mais aprofundada. **Francisco** se despojou de tudo diante do bispo e renunciou à riqueza da sua família. Mas ele não fez isso porque queria se tornar um mendicante. Ele trabalhava. Ele queria se libertar das coisas que nos tornam agressivos com relação aos outros, daquilo que alimenta a inveja. Na **Idade Média**, a palavra pobre não se

contrapõe a rico, mas sim a poderoso: quem é pobre não tem poder. O **Papa Francisco** quer uma Igreja mais pobre e essencial. Mas, acima de tudo, eu acredito que ele a entenda na acepção mais ampla de renúncia ao poder.

Nos primeiros meses do pontificado, ele mostrou uma força comunicativa surpreendente. Isso representa uma chave da mudança?

Esse pontífice utiliza uma linguagem muito simples, mas ao mesmo tempo concreta: isenta de palavras complicadas ou ornamentos. E ele tem o dom da gestualidade. Quando ele afirma: "Devemos lutar pelo trabalho", ele restitui centralidade a um tema fundamental hoje. O seu propósito de uma Igreja aberta a todos se reflete na clareza da linguagem.

A verdadeira revolução é a fidelidade ao Evangelho?

Com relação ao passado, ele colocou novamente o Evangelho em primeiro plano, deixando muito de lado a doutrina e as proibições sobre o que se deve ou não se deve fazer. Como **São Francisco**, ele busca acima de tudo para falar com a mensagem de Cristo para uma Igreja inclusiva.

O papa, muitas vezes, se dirige aos jovens: "Não deixem que roubem a sua esperança". Qual a importância do exemplo de vida de Francisco e de Clara?

Eles eram jovens. E, acima de tudo, eram leigos. Eles trabalhavam pela sua própria subsistência e estavam sempre prontos para ajudar os pobres. Voltando o olhar para o mundo que os cercava, eles decidiram mudá-lo. Eles fizeram isso dedicando-se aos últimos: porque, neles, eles viram o rosto de Deus. **Clara** prefigurou um papel ativo da mulher na Igreja.



Cada cristão deve se despir do espírito do mundo, câncer da sociedade”, diz Francisco

“O cristão não pode conviver com o espírito do mundo, a **mundanidade** que nos leva à vaidade, à prepotência, ao orgulho”. Na “sala della spoliazione”, na qual **São Francisco** se despiu e renunciou tudo para se colocar ao lado dos pobres, o **Papa** que escolheu o nome do **Pobrezinho de Assis** pediu para toda **Igreja**, ou seja, para cada um de todos os batizados, que se “desnude” de tudo o que não é essencial, para ser somente “a **Igreja de Cristo**”. É a primeira vez, em 900 anos, que um **Papa** visita este lugar. Foi recebido pelos pobres que são ajudados pela **Cáritas**. Desta vez, também deixou o discurso que tinha preparado e pronunciou um discurso livremente. Recordou as vítimas de **Lampedusa** dizendo: “Hoje é um dia de pranto”. E ironizou sobre os meios de comunicação, que haviam feito “fantasias” a respeito do discurso que faria.

A reportagem é de **Andrea Torielli**, publicada no sítio **Vatican Insider**, 04-10-2013. A tradução é do **Cepat**.

“É a primeira vez que um **Papa** vem aqui – disse **Francisco** – e nos jornais e meios de comunicação surgiram fantasias: o **Papa** irá despir a **Igreja**, despirá os bispos, os cardeais, a si mesmo... Esta é uma boa ocasião para fazer um convite à **Igreja** para que se desnude. Contudo, a **Igreja** somos todos nós... Todos nós somos a **Igreja** e devemos ir pelo caminho de **Jesus**. Ele próprio nos deu um caminho de nudez. Fez-se servo, servidor, quis ser humilhado na Cruz... Se nós queremos ser cristãos, não há outro caminho. Não podemos tornar um cristão um pouco “mais humano”, sem Cruz, sem **Jesus**, sem nos desnudarmos. Tornaríamos cristãos de confeitaria, como os bolos muito bonitos e doces, mas não verdadeiramente cristãos”. “O cristão – acrescentou **Bergoglio** – deve se despir, hoje, de um perigo gravíssimo que ameaça cada pessoa na **Igreja**, o perigo da

mundanidade. O cristão não pode conviver com o espírito do mundo, com a mundanidade que nos leva à vaidade, prepotência e orgulho. E este é um ídolo, não é **Deus**. A idolatria é o pecado mais forte. Quando os meios de comunicação falam sobre a **Igreja**, pensam que a **Igreja** são os sacerdotes, as freiras, os bispos, os cardeais e o **Papa**. A **Igreja** somos todos nós e todos nós devemos nos despir desta mundanidade, deste espírito que vai contra o das bem-aventuranças, contra o de **Jesus**. A mundanidade nos prejudica. É muito triste encontrar um cristão mundano, convencido dessa segurança que lhe dá a fé e que lhe dá o mundo. Não se pode trabalhar nas duas partes. A **Igreja**, todos nós, devemos nos despir da mundanidade. Dizia o próprio **Jesus**: não se pode servir a dois senhores, ou se serve a **Deus** ou ao dinheiro”.

“Não se pode servir a **Deus** e ao dinheiro, a vaidade e o orgulho. Nós não podemos – disse **Francisco** -, é triste apagar com uma mão o que escrevemos com a outra. O **Evangelho** é o **Evangelho**. **Deus** é o único, e **Jesus** se fez servo por nós, e o espírito do mundo não tem nada a ver. Hoje, [estou] aqui com vocês, com muitos de vocês que foram despojados por este mundo selvagem que não oferece trabalho, que não ajuda, que não se importa se há crianças que morrem de fome, que não se importa se muitas famílias não tem alimento, não tem a dignidade de levar pão para casa, que não se importa se muita gente precisa fugir da escravidão e da fome. E fugir em busca da liberdade, e com quanto horror muitas vezes vemos que encontram a morte, como aconteceu ontem em Lampedusa. Hoje é um dia de pranto, estas coisas são feitas pelo espírito do mundo. É verdadeiramente ridículo que um cristão, um verdadeiro cristão, um sacerdote, uma freira, um bispo, um **Papa**, queira seguir o caminho desta mundanidade que é uma atitude homicida.

“A mundanidade espiritual – concluiu o **Papa** – mata a alma, mata as pessoas, mata a **Igreja**. Quando, aqui, **Francisco** fez esse gesto de se despir, era um jovem garoto, não tinha força. Foi a força de **Deus** que o incentivou a fazer isto, a força de **Deus** que queria nos lembrar o que **Jesus** dizia sobre o espírito do mundo, quando **Jesus** pediu ao **Pai** que nos salvasse do espírito do mundo. Hoje, aqui, peçamos a graça para todos os cristãos: que o **Senhor** nos dê a coragem para nos despir, mas do espírito do mundo que é a lepra, o câncer da sociedade, é o inimigo de **Jesus**. Peço ao **Senhor** que dê a todos nós esta graça”.



Francisco come com os pobres e não com as autoridades

No Pontificado da sobriedade, a forma é substância, o estilo revela conteúdos. Por exemplo, **comer com os pobres** no refeitório da **Cáritas de Santa Maria dos Anjos** ao invés de comer com as autoridades no **Sacro Convento de Assis**. Inclusive, na escolha da mesa **Bergoglio** demonstra do lado de quem está. Com os pobres, os últimos, com os que não possuem nada. Porque **Cristo** está ali e em mais nenhum outro lugar. “Ou se está com os pobres ou com o dinheiro”, disse, pouco antes, durante a missa na **Praça São Francisco**. “Ou comigo ou contra mim”.

A reportagem é de **Giacomo Galeazzi**, publicada no sítio **Vatican Insider**, 04-10-2013. A tradução é do **Cepat**.

Os que estão com os últimos não podem se enganar, é esta a decisão do **Papa** que veio “**do fim do mundo**”. “São necessárias novas categorias para interpretar este **Papa**: as velhas categorias já não funcionam”, afirmou, ao “**Vatican Insider**”, o cardeal **Giuseppe Betori**, arcebispo de Florença, que também participa da peregrinação à cidade da paz.

A refeição de hoje foi um encontro marcado pela espontaneidade, começando pelo abraço, na entrada, entre o **Pontífice** e **Abdahlala**, um menino marroquino de sete anos, filho de um dos hóspedes do centro de acolhida. O menino deu a mão para o **Papa** e o acompanhou até o refeitório, no qual estavam 55 hóspedes dos diferentes centros de acolhida da diocese. Em seguida, sentaram-se juntos para comer, no canto maior da enorme mesa, na qual **Francisco** se sentou para poder ver melhor a todos os convidados.

O **Papa** comeu pouco porque estava mais interessado em todo o afeto que o cercava. Não teve tempo, antes de ir, para provar os “mostaccioli”, doces de grande preferência do **Santo de Assis**. A refeição do primeiro-ministro italiano, **Enrico Letta**, no **Sacro Convento** de Assis, no final da missa de **São Francisco**, patrono da Itália, também foi muito agradável, ainda que não tenha contado com a presença do papa **Francisco**, que preferiu comer com os pobres no refeitório da **Cáritas**.

“Incrível o diálogo do papa **Francisco**, no centro de acolhida, com os pobres, obrigado papa **Francisco!**, disse dom **Domenico Sorrentino**, bispo da **Diocese de Assis**.

Após a refeição, **Francisco** se dirigiu à **Catedral de São Rufino**, para se encontrar com o clero. E voltou a insistir em aspectos indispensáveis: “como são necessários os conselhos pastorais! Um bispo não pode conduzir uma diocese sem o conselho pastoral, um pároco não pode conduzir uma paróquia sem o conselho pastoral. Isto é fundamental!” Com estas palavras começou seu discurso no encontro com o clero, as pessoas de vida consagrada e os membros dos conselhos pastorais da Diocese, após a saudação de dom **Domenico Sorrentino**, arcebispo da **Diocese de Assis**.

Não tenham medo de sair e ir ao encontro dos marginalizados – destacou -, não se deixem frear por preconceitos, por costumes, rigidezes mentais ou pastorais, pelo “sempre se fez assim”. Porque a **Igreja** tem uma missão: “Anunciar até nas periferias”, mas, quais? “Pensemos. Perguntemo-nos, quais são as periferias nesta **Diocese**. Claro, num primeiro sentido, são as regiões da Diocese que podem ficar à margem, fora do feixe de luz dos refletores. Contudo, também são as pessoas, realidades humanas marginalizadas nos fatos, desprezadas. São pessoas que talvez se encontrem fisicamente perto do “centro”, mas espiritualmente distantes”.

Bergoglio, na cidade da paz, recordou o que costumava dizer aos recém-casados, para insistir na reconciliação: “Discutam o que quiserem, não importa se pratos voam, mas nunca terminem o dia sem ter feito a paz”.



Nas pegadas do pobrezinho de Assis

Imprimir

Assis esperou quase 800 anos pela visita de um Papa com o nome daquele que tornou a cidade um símbolo de paz para o mundo. A primeira visita a Assis de um Pontífice com o nome Francisco chamou a atenção nesta sexta-feira da mídia mundial, presente em massa na cidadezinha da Úmbria que deu ao mundo um dos seus filhos que se tornou predileto. Papa Bergoglio foi até lá como peregrino, como tantos outros que de todas as partes de mundo vão àquele pequeno pedaço de paraíso para encontrar, rezar e conhecer

melhor o jovem Francisco, que deixou tudo por causa de um amor maior, o amor pelo Evangelho de Cristo.

O homem que veio “quase do fim do mundo” entrou na cidade como um peregrino para encontrar e rezar diante do túmulo do inspirador de seu pontificado: Francisco. Significativo o momento de oração na cripta da Basílica inferior diante do túmulo onde repousam os restos mortais do “mendigo de Deus”. Momento precedido pelo encontro com os últimos, os pobres e necessitados, retrato daqueles que Francisco 800 anos atrás ajudava, consolava e dava dignidade. Passaram-se 8 séculos mas o grito dos pobres e dos necessitados, continua o mesmo.

Na sede do episcopado, na Sala da Espoliação de São Francisco – a primeira visita de um Papa àquele local onde Francisco deixou tudo, resolveu casar-se com a Dama Pobreza – Bergoglio falando a um grupo de pessoas assistidas pelas Caritas diocesanas da região fez um convite à Igreja, convite que repete com frequência, de se espoliar, acrescentando que todos somos Igreja, não são só padres e freiras, mas todos. “Se quisermos ser cristãos, não há outro caminho. Sem a cruz, sem Jesus, sem espoliação, - disse - seremos cristãos de ‘confeitaria’”, ou seja, belos, mas não verdadeiros. Mas o Papa não deixou de afirmar que muitos já foram espoliados e continuam sendo espoliados por este mundo selvagem que não dá emprego, que não ajuda, “ao qual não importa se existem crianças que morrem de fome, não importa se muitas famílias não têm o que comer, se tantas pessoas têm que fugir da escravidão, da fome, e fugir em busca de liberdade”. E quanta dor - disse ainda Francisco - quando vemos que encontram a morte, como aconteceu em Lampedusa nesta quinta-feira. “Hoje, é um dia de lágrimas. É o espírito do mundo que faz essas coisas”, explicou. Pelas ruas da cidadezinha onde São Francisco caminhou, outro Francisco passou o dia entre a Cripta na qual repousam os restos do

Santo e a Porciúncula dentro da Basílica de Santa Maria dos Anjos, onde São Francisco morreu no dia 3 de outubro de 1226. O Pontífice visitou ainda grande parte dos lugares franciscanos seguindo as pegadas daquele do qual tomou o nome. Foi a visita de um Papa moldado na espiritualidade de Santo Inácio, e com um coração e radicalidade franciscanas.

Uma visita que Bergoglio fez com viva e transparente emoção; uma alegria estampada em um rosto que não se cansa de iluminar caminhos, uma alegria que explode no coração de todo peregrino que vai a Assis e vislumbra os lugares que Francisco percorreu, lugares admirados em fotografias e cartões postais, por muito tempo sonhados; lugares sugestivos que deixam marcas profundas. Marcas que, certamente, ficaram no coração do Papa Francisco.

Bergoglio tocou a terra da cidadezinha de São Francisco e certamente seu pensamento correu também para os seus pobres de Buenos Aires e para os pobres do mundo inteiro. O seu coração foi até aqueles últimos e - com os joelhos dobrados diante do túmulo de São Francisco - pediu por eles, pela sua dignidade de seres humanos e pela paz no mundo, desejos que expressa em todas as ocasiões possíveis.

O Francisco latino-americano foi ao encontro do Francisco italiano, europeu, do Francisco dos homens de boa vontade e de paz; porque São Francisco não é só dos católicos, mas de todos que vêm neste pequenino-gigante da fé um símbolo de amor pelo próximo e por todas as criaturas viventes.

Bergoglio esteve face a face com o homem da Irmã Pobreza, da Irmã Morte, que por um estranho e misterioso desígnio da Divina Providência foi chamado, em tempos e modos diferentes, a reconstruir, fortificar a Casa do Senhor. Um compromisso que o

Sucessor de Pedro decidiu assumir totalmente quando tomou o nome Francisco - o Cardeal Hummes recordou-lhe para não se esquecer dos pobres -, primeiro na história da Igreja.

O nome de um dos Santos mais populares da Igreja também é a marca do seu pontificado; um nome que é programa de vida, inspiração para decisões não fáceis. Um nome que aproxima ainda mais o Papa dos fiéis, e não fiéis, dos mais necessitados, e que dá um novo rosto a uma Igreja para muitos cansada e sem estímulos. Sinais significativos foram dados por Bergoglio nesses quase 7 meses de pontificado, sinais de um novo tempo. Em Assis, na casa do Irmão da pobreza, Francisco reafirmou o seu ideal de Igreja, pobre, próxima dos homens e santa, como Santo é seu Esposo. Uma Igreja sonhada também por João Pedro de Bernardone, para muitos apenas Francisco de Assis. (Silvonei José)



"O papa quer mudar a Igreja como São Francisco". Entrevista com Jacques Le Goff

"Antes de ser o autor do *Cântico das Criaturas*, **São Francisco** é o homem que diz não ao dinheiro". Para **Jacques Le Goff**, o apelo à pobreza é a característica fundamental do santo de Assis.

A reportagem é de **Fabio Gambaro**, publicada no jornal **La Repubblica**, 05-10-2013. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

O célebre historiador francês, que dedicou ao pobrezinho de Assis um importante livro intitulado *San Francesco d'Assisi* (Ed. Laterza), lembra-se dele ao comentar as últimas declarações do **Papa Bergoglio**: "Além da complexidade do personagem, **São Francisco** representa a condenação viva do dinheiro. Filho de um mercador que tinha viajado muito entre a **Itália** e a **França**, de onde, aliás, importou o nome Francisco, nada parecia predispor-lo à escolha da pobreza. A rejeição da riqueza era principalmente uma expressão de uma revolta contra o pai, mas depois ele também deu a ela um valor social e coletivo, quando se despojou das vestes e dos bens materiais diante do Bispo de Assis".

Eis a entrevista.

Evocando uma Igreja da pobreza, o pontífice se move no rastro da mais autêntica tradição franciscana?

Eu diria que sim. Em um período de crise econômica, em que a pobreza aumenta enquanto uma minoria não deixa de se enriquecer, a figura de **São Francisco** adquire uma força totalmente particular. O santo de Assis também imaginava uma Igreja da pobreza contraposta à Igreja dos poderosos. No entanto, foi um sonho que ele não

conseguiu realizar. Como ele era um cristão muito piedoso, ele aceitou fazer concessões ao papado. Em suma, no fim, ele não conseguiu reformar a Igreja.

O Papa Francisco pode conseguir?

O **Vaticano** ainda é um símbolo de riqueza. Tentar combater o dinheiro no plano simbólico, assim como no concreto, é uma obra muito difícil. O pontífice, no entanto, começou a se mover nessa direção. Por exemplo, ao tornar públicas as contas do banco vaticano, um fato muito importante em nome daquela renovação que quer tornar a Igreja mais transparente e mais próxima dos homens. Justamente como **São Francisco** queria. Naturalmente, para conseguir isso, ele terá que se chocar com o caráter intrinsecamente monárquico da Igreja.

No seu livro, o senhor enfatiza a dimensão da alegria e do riso em São Francisco. É um aspecto decisivo?

Certamente. A dimensão alegre do *poverello* é um verdadeiro elemento de novidade e de ruptura, porque até então todo o catolicismo se construía em contraposição ao riso. A regra beneditina intimava a não rir. O riso era considerado inimigo de Deus. **Francisco**, ao invés, ri livremente, expressando assim um modo diferente e mais alegre de se relacionar com o mundo. Essa característica também é evidente no **Papa Bergoglio**. Ao contrário de **Bento XVI**, Francisco é um papa que fala, exatamente como o santo que falava com todos, até mesmo com os pássaros.

Por que São Francisco continua nos fascinando?

Porque ele veicula atitudes e valores considerados essenciais pela maior parte do mundo cristão. A crítica do dinheiro e dos

banqueiros, a pobreza e a solidariedade tornam **São Francisco** muito próximo das nossas preocupações, especialmente em tempos de crise. Inspirado nele, o pontífice se torna o homem da simplicidade e da abertura que muitos procuram na Igreja desde sempre, sem encontrá-lo.

Papa destacou necessidade de se ouvir as chagas de Jesus



Papa Francisco iniciou na manhã desta sexta-feira, 4, a visita à cidade de Assis na Itália. É a primeira vez que o Santo Padre vai à cidade do santo que inspirou seu nome de pontificado. A visita acontece no dia em que a Igreja celebra São Francisco de Assis.

A primeira atividade do Papa foi com as crianças portadoras de deficiência e doentes do Instituto Seráfico de Assis. Após ser recebido pelas autoridades, Francisco fez um discurso espontâneo para as crianças, dando por lido o que havia preparado.

Citando o que uma mulher lhe havia falado, que ali eles estavam entre as chagas de Jesus e que estas precisavam ser escutadas, o Papa recordou o episódio em que Jesus caminhava entre

os discípulos tristes, e fez com que eles vissem suas chagas e então os discípulos O reconheceram.

“Aqui Jesus está escondido nestes rapazes, nestas crianças, nestas pessoas. No altar adoramos a Carne de Jesus; neles encontramos as chagas de Jesus. Jesus escondido na Eucaristia e Jesus escondido nestas chagas”.

Francisco destacou então a necessidade dessas chagas serem escutadas, talvez não tanto pelos jornais, o que dura um ou dois dias, mas pelos que se dizem cristãos.

“O cristão adora Jesus, o cristão procura Jesus, o cristão sabe reconhecer as chagas de Jesus. E hoje, todos nós, temos a necessidade de dizer: ‘estas chagas precisam ser ouvidas’.

O Papa destacou então a esperança que é a presença de Jesus na Eucaristia. Ele lembrou que, ao ressuscitar, Cristo não tinha feridas em seu corpo, mas estava belo. “As chagas de Jesus estão aqui e estão no Céu diante do Pai. Nós cuidamos das chagas de Jesus aqui e Ele, do Céu, nos mostra as suas chagas e diz a todos nós: ‘estou te esperando’. Assim seja”.

Após o encontro com as crianças, Francisco fez uma visita privada ao Santuário de São Damião.

FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL/FFB

SCLRN 709 - Bloco B, nº 11

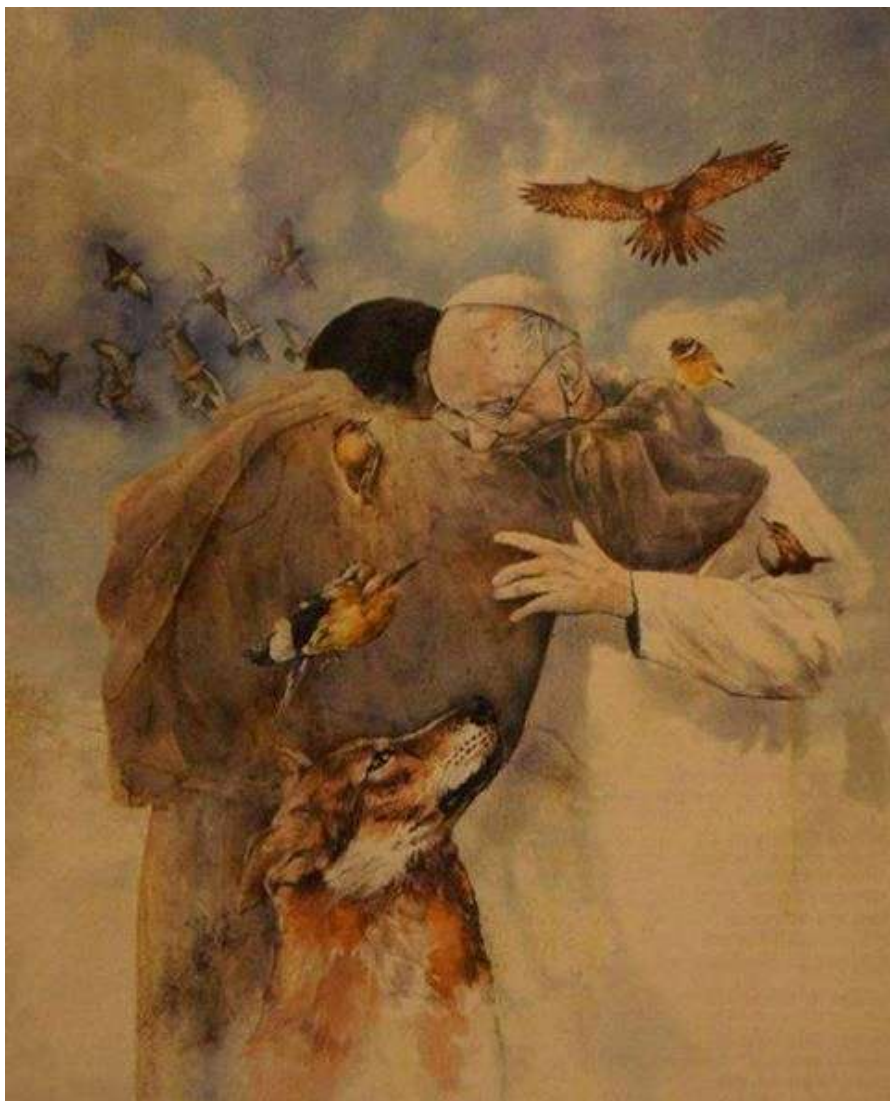
CEP 70.750-512 BRASÍLIA-DF

Caixa Postal: 6208 - CEP 70.740-971

Telefone: (61) 3349-0157 // 3349-0187

Site: www.ffb.org.br - **E-mail:** ffranciscana@terra.com.br





[Falando sobre São Francisco de Assis] "Passaram 800 anos desde então e os tempos mudaram muito, mas o ideal de uma Igreja missionária e pobre permanece mais do que válida. Esta é a Igreja que foi pregada por Jesus e pelos seus discípulos." Papa Francisco...